

EXMA SR.ª PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ORÇAMENTO E FINANÇAS

EXMOS. SENHORES DEPUTADOS DA COMISSÃO DE ORÇAMENTO E FINANÇAS

Desde já, agradeço em nome da ABESD - Associação de Defesa de Clientes Bancários, o convite que nos foi dirigido, para estarmos aqui presentes, a fim de discutir a nossa petição.

A ABESD foi constituída em Julho de 2014, como uma associação de clientes bancários lesados pela atuação do BES e das Suas sucursais externas financeiras e nestes três anos participámos ativamente em todos os fóruns de discussão, sobre o tema do BES/GES.

Os associados da ABESD têm tudo em comum, com quaisquer dos “lesados”, que já tiveram oportunidade de se dirigir aos Senhores Deputados neste e noutros fóruns.

A forma abusiva, em como todos, fomos enganados e levados a estes investimentos ruinosos, necessitam de servir de exemplo rigoroso e firme de práticas que não podem ser efetuadas na Banca em Portugal e devem envergonhar, a todos, os que nestas práticas estiveram envolvidos de forma direta ou indireta.

Infelizmente, tal não acontece, e ao final de quase três anos deste processo os principais intervenientes e responsáveis das instituições que lesaram milhares de pessoas em Portugal e nas comunidades de emigrantes, continuam sem acusação formada e libertos das responsabilidades, que um processo desta dimensão obrigatoriamente deverá ter sobre eles.

Este mesmo tempo da Justiça, que é, em tudo diferente do tempo dos homens, obriga-nos a tentar encontrar soluções para minorar estas perdas, para todas estas pessoas, que, tendo em conta a morosidade do processo, sabemos que irá demorar muitos e muitos anos, antes que exista uma conclusão formal e uma indemnização aos lesados pelos responsáveis.

Dito isto, nem mesmo assim, os associados da ABESD, deixaram de acreditar no sistema judicial, motivo pelo qual, ao longo deste período de três anos, diversos atos jurídicos foram realizados, de forma a garantir todos os nossos direitos, sobre quaisquer dos intervenientes no processo, sejam eles singulares ou coletivos.

Os associados avançaram com queixas-crime, junto do Ministério Público, com dezenas de notificações avulsas a pessoas singulares e a entidades várias, e procedemos a reclamações de créditos, junto de todas as entidades emitentes.

As entidades públicas têm também demonstrado reconhecimento face a estas situações fraudulentas, sendo exemplos disso os casos que reportamos na nossa última presença na COFMA:

i) o caso do fundo EXS e Rio Forte, no âmbito do qual a CMVM salientou ter grandes dúvidas, pois os documentos apresentados pelas instituições financeiras não estavam assinados e preenchidos pelo cliente ou como é questionando á instituição financeira BPES “como era possível a um investidor não profissional subscrever uma emissão destinada a investidores qualificados”;

ii) o caso do fundo EXS vendido em Portugal pelo BPES, do qual a CMVM não tinha conhecimento, a mesma CMVM confirma numa das muitas reclamações efetuadas, que a “pretensão do reclamante é fundamentada” e afirma textualmente “da análise efetuada pela CMVM, não é possível concluir pela regularidade da comercialização do investimento reclamado”, conforme podem comprovar pelos documentos anexos na nossa última intervenção.

Conforme referimos em muitas das reuniões que tivemos com os diversos grupos parlamentares aqui presentes, existia uma forma deliberada e programada de realizar estas práticas abusivas e muitas delas são, infelizmente comuns, aos diversos grupos de lesados.

O facto de ser usado o nome Espirito Santo em diversas instituições financeiras e em diversas áreas de atividade, fazia com que a imagem do grupo fosse vendida como uma marca sólida e de enorme dimensão Nacional e Internacional. Exemplos disso eram : Banco Espirito Santo; a Espirito Santo Internacional; a Espirito Santos Viagens; o Banco Privée Espirito Santo, Etc.; impondo aos clientes, esse domínio em todas as áreas como “garantia” sobre as Sua solidez.

Infelizmente, milhares de lesados, poderão repetir as palavras de centenas de funcionários bancários em que garantiam a solidez do grupo alegando que “isto é tudo do Banco Espirito Santo”.

Antes da derrocada do Grupo BES/ GES, a maioria dos clientes bancários, não sabia da diferença de tais sociedades, muito menos de imaginar uma teia de centenas de sociedades, em tantas jurisdições, com centenas de emissões e dívidas cruzadas.

Aquilo que temos a certeza é que, para os nossos associados, o Banco Espirito Santo, está sempre como ponto comum, em todos eles. Os gestores do BES apresentavam aos clientes do BES, o Banco Privée Espirito Santo e os Seus gestores - que eram apresentados como colegas do BES, promovendo reuniões,

ou nas instalações do BES – balcões da rede comercial ou nas áreas de “private banking”, ou mesmo em casa dos clientes.

A forma de seleção dos “potenciais clientes” era muito simples, pois era sinalizada pela rede comercial, os clientes que tinham poupanças acima da média no balcão da rede comercial ou da rede “private” e eram estes que eram aliciados a ter uma conta no Banco Privée Espirito Santo, como forma de “mitigar o risco” ou de melhor acesso a produtos do Banco Espirito Santo.

Nas reuniões iniciais, estava sempre presente o interlocutor habitual do BES, de forma a transmitir a segurança necessária, para esta “nova etapa na relação com o BES”, pois eram comuns expressões como: “Este produto não é para todos”; “Banco Privée e BES é a mesma coisa”, “somente alguns clientes especiais tem acesso a estes produtos”.

Estas reuniões aconteciam, conforme referimos, em locais como a agência do BES ou em casa do cliente, de forma a criar um sentimento de segurança aos clientes bancários, sendo que quando questionados sobre a viabilidade ou segurança das aplicações realizadas ou a realizar - tendo em conta a pretensão de ausência total de risco, existiam sempre respostas como: “a solidez do BES é inabalável, pois nem necessitamos da Troika” ou “está a duvidar da solidez do BES?”; “Este Banco é o único que podia comprar Portugal inteiro”; “Se estou aqui à sua frente é porque este investimento é para si e porque o BES confia mais em si do que noutro cliente qualquer”.

Esta forma de atuação, foi-nos explicada e confirmada por funcionários internos do BES e BPES, que explicaram que esta era a forma de atuação em Portugal inteiro.

Dentro deste contexto de relação comercial de muito tempo com o BES, com a presença do interlocutor habitual do BES, nas instalações do BES (em muitos casos) ou na Sua própria residência, os clientes não tinham como saber, que, na realidade estavam a movimentar para o interior do Banco Privée, o Seu capital, e que o mesmo, seria reenviado para uma sucursal externa financeira, sem tal nunca terem solicitado.

Destinos como: Sucursal Externa Financeira da Madeira, Luxemburgo, Suíça, Dubai, Panamá ou ilhas Caimão; ficavam assim à vontade de um gestor de conta do Banco Privée e do Seu colega do BES, sem que, para tal nunca os clientes sássem de Sua casa ou do Seu balcão do BES em Portugal.

Este é o denominador comum em centenas de lesados das sucursais externas financeiras, sendo que dentro dos lesados, temos exemplos diversos de formação académica e com profissões diversas, desde agricultores, a pequenos empresários, a médicos, engenheiros e até advogados. Nenhuma classe,

nenhuma formação, nenhum tipo de educação, ficou livre deste enorme esquema de angariação de fundos do BES para o GES (ou do GES para o BES).

Basta perguntar a alguns desses clientes (e alguns estão, hoje aqui presentes na sala) com mais de 65 anos de idade, se pediram para que o Seu dinheiro fosse para o Luxemburgo, Suíça ou ilhas Cayman; e terão uma resposta frontal: “Não!”

Não podemos aceitar que, seja considerada uma boa prática comercial, abordar um cliente, apresentar um colega de um “banco do grupo”, apresentar o “colega do banco” e aproveitar o capital de confiança que a instituição detém de muitos anos de relação comercial regular, para realizar movimentos e aplicações a Seu belo prazer, passando contas para uma sucursal externa e ignorando as práticas mais básicas na gestão financeira.

Dizem os funcionários do BES, que quando questionavam internamente, se não poderia haver um conflito de interesses nestas abordagens, pois os produtos eram todos de dívida do próprio banco ou empresa relacionadas, que os altos quadros respondiam “dentro do BES não há conflito de interesses, somente interesses os do BES”!!!!

Estas instituições e os Seus responsáveis, nunca se preocuparam com os clientes e com as regras de intermediação financeira, pois as práticas que aqui foram descritas em nada protegeram os clientes bancários, bem pelo contrário, serviram-se dos mesmos para objetivos e interesses do próprio banco.

Sabemos que a partir de 2018, os bancos irão ter regras muito mais apertadas e temos visto serem reforçados os procedimentos de supervisão, contudo os mesmos são somente agora colocados em prática. E Porquê? Pura e simplesmente porque estas instituições brincaram com o nosso dinheiro.

Estas práticas aqui descritas e comuns aos lesados da rede comercial, aos emigrantes da França, aos emigrantes da Venezuela ou aos emigrantes da África do Sul, são inaceitáveis e não se podem repetir mais em Portugal.

Enquanto sociedade já tivemos demasiados exemplos de, como as instituições financeiras não se auto regulam, como não se auto disciplinam e como não conseguem defender os interesses dos Seus clientes, quando confrontados com interesses internos ou objetivos comerciais ou de rácios de capital.

Em suma, pretende a ABESD uma solução justa e equitativa para todos os que foram lesados pelo círculo de financiamento do grupo BES/GES.

Estamos disponíveis para colaborar com a Assembleia da República ou com qualquer entidade isenta, que V.Exas, identifiquem para evidenciar, testemunhar e entregar mais prova documental, para estes factos aqui relatados.

Estes casos não aconteceram a pessoas desconhecidas, aconteceram a pais e mães de família, a irmãos e irmãs, a primos e primas, aconteceram a cidadãos comuns,

trabalhadores que, infelizmente carregam hoje a vergonha e a culpa de terem perdido o dinheiro do trabalho de uma vida, ou de uma herança familiar, ou o dinheiro da família, mas perderam sempre, o dinheiro que era Seu - fosse para o presente ou para o futuro.

Muito obrigado pela vossa atenção, estou agora disponível para responder às Vossas questões, agradecendo a atenção dispensada.